

Este é um documento que compila as dez participações de Susana Feitor em Mundiais de Ar Livre. Susana Feitor conseguiu no passado Mundial de Ar Livre, em Berlim, a décima participação em Mundiais, sendo uma das duas atletas com mais participações neste evento, igualada pela alemã Franka Dietzsch.



Vamos assim recordar as dez participações de Susana Feitor:

Tóquio 91: A estreia



Começamos por Tóquio onde Susana chegou como uma menina. Como a própria diz, "senti-me muito pequenina, mas grande ao mesmo tempo". Corria o ano de 1991 e Susana, com apenas 16 anos, fazia a estreia entre os seniores após, um ano antes, ter conquistado, para grande surpresa, o Mundial de juniores. A prova de 10 km teve lugar no dia 24 de Agosto e não se podia pedir mais a quem pisava o palco maior pela primeira vez. Entre 41 marchadoras, Susana foi 17ª com 45'37", numa prova ganha pela então soviética Alina Ivanova (que entretanto se virou para as corridas de estrada e que hoje passa a maior parte do seu tempo em Portugal), quando atletas de leste e nórdicas dominavam e onde já dava cartas a australiana Kerry Saxby-Juna. Mas Tóquio 91 foi para a benjamim da selecção muito mais

que essa prova. É dessa semana que guarda recordações como o estar lado a lado com os maiores atletas do mundo. De Mike Powel a Nouredine Morcelli, de Sergey Bubka a Marlene Ottey, de Heike Dreschler a Jackie Joyner-Kersey, teve lado a lado com todos, até com Carl Lewis, o rei da velocidade que a desiludiu ao nem a olhar quando lhe pediu um autógrafa. E depois os portugueses. "Foi a oportunidade de estar na mesma equipa que Rosa Mota", recorda, sem esquecer outros nomes marcantes (alguns dos quais ainda iria reencontrar noutras ocasiões) como Conceição Ferreira, Albertina Machado, José Regalo, Domingos Castro, José Urbano ou Aurora Cunha, com quem partilhou o quarto, junto com outra marchadora, a Isilda Gonçalves. Foi um mundo de experiências para uma menina que ali mesmo não teve dúvidas de como queria crescer como atleta.



Estugarda 93: Sem pressão... quase top10



Susana Feitor chegou ao seu segundo Mundial sem que este fosse um dos objectivos principais de 2003. Com 18 anos, ainda era júnior, e o Europeu da categoria, na cidade espanhola de San Sebastian, tinha sido a grande aposta. Um tiro certo com mais um título na carreira da riomaiorense. Mas naturalmente, com o mínimo

conseguido, a marchadora não perdeu a oportunidade de competir ao mais alto nível e rumou a Estugarda. "Ir ao Mundial foi mais um bónus numa época positiva", lembra. A prova aconteceu a 14 de Agosto e correu ainda melhor do que a estreia, dois anos antes. Entre 53 participantes, Susana ficou à porta do Top10. Foi 11ª em 45'03", num dia em que quem subiu ao lugar mais alto do pódio foi a finlandesa Essayah Sari. No pelotão já andavam nomes como Elisabetta Perrone, Annarita Sidoti ou Yelena Nikolaeva, de quem Susana começava a aproximar-se.

Apesar do resultado positivo é do extra-competição que guarda mais memórias. Depois da sua prova, fez os 42 quilómetros da maratona ao lado de Manuela Machado, naquele que seria o primeiro grande resultado internacional da vianense (vice-campeã mundial). "Lembro-me de ser uma equipa muito bem-disposta, com a constante animação da



Teresa Machado, da Marta Moreira, do José Regalo, do José Urbano e da Manuela. Onde quer que este pessoal estivesse não havia lugar para tristeza", diz Susana, que nessa ocasião partilhou quarto com outra estrela em ascensão do atletismo português: Carla Sacramento.

Gotemburgo 95: Ainda longe da frente



Dois anos depois do agradável 11º lugar de Estugarda, Susana Feitor vivia uma difícil transição para sénior. No entanto, face à sua grande valia não houve dificuldade em garantir os mínimos para Gotemburgo. A nível de tempos a evolução era notória, mas nesta altura havia já mais mulheres a andar mais rápido. A 7 de Agosto, Susana alinhou à partida ao lado de Irina Stankina. As duas conheciam-se bem. Um ano antes, Susana tinha sido a vice da russa no Mundial de Juniores de Lisboa, mas a transição da marchadora de leste para o escalão superior foi tão fácil que saiu da Suécia de ouro ao peito. Longe, Susana foi 17ª com 44'25". 14 anos depois sublinha a dureza da prova. "Nunca irei esquecer a dificuldade da competição esse ano. A Stankina

era uma menina entre as senhoras e eu ainda andava longe dos lugares da frente". Ela e outras que hoje estão entre as melhores e em Berlim prepararam o assalto ao pódio.

No terceiro Mundial de Susana deu-se a estreia das conceituadas Maria Vasco e Kjersti Platzer, modestas 26ª e 40ª, respectivamente. Foi mais um ano de aprendizagem para os desafios que se seguiram e de festa para Portugal. Gotemburgo é de grande memória para as cores nacionais com as 4 medalhas de Fernanda Ribeiro (ouro e prata), Manuela Machado (ouro) e, da uma vez mais companheira de quarto de Susana Feitor, Carla Sacramento (bronze).



Atenas 97: Fora da final



Foi um invulgar adeus aos 10 km marcha nos Mundiais de Atletismo. Pela primeira e única vez a IAAF decidiu realizar eliminatórias antes da final, para a qual só viriam a ser apuradas 20 atletas. Susana Feitor alinhou a 4 de Agosto na primeira série. "A minha eliminatória foi duma dureza atroz. Às 8h da manhã já estava um calor que não se podia! Mas a dificuldade que senti não se travou apenas pelas condições climatéricas, uma vez que viria a descobrir mais tarde que padecia de forte anemia, que demorou imensos meses a curar", recorda. Mesmo assim, como sempre, Susana entregou-se à luta. Foi 11ª com 45'00", 22ª no somatório das duas eliminatórias, e falhou por dois lugares a final. A corrida decisiva viria a ser ganha pela incansável italiana Annarita Sidotti, que há vários anos lutava por uma vitória a este nível. Entre as primeiras chegou também

Olimpiada Ivanova, actual recordista mundial, que acabou por ser desclassificada por doping. "Foi a primeira vez que a vi. Marchava muito torta, mas com uma força brutal", acrescenta Susana, que voltou a ter festa no quarto com as duas medalhas (prata e bronze) de Fernanda Ribeiro. Este Mundial voltou a distinguir entre as melhores a maratonista Manuela Machado e consagrou como "rainha" dos 1500 metros Carla Sacramento. Apesar do resultado menos conseguido para a conta pessoal, Susana Feitor teve em Atenas o início de outra batalha. "Foi a primeira vez que em reunião com os dirigentes (entre os quais o secretário de estado do desporto), vários atletas, em especial os mais experientes, partilharam as suas experiências de vida fora da alta competição. E foi nesse



momento que reforcei o meu sentimento de que era realmente necessário fazer algo por quem tanto se dedicava pelas cores de Portugal". Era um sentimento que Susana já trazia desde o primeiro Mundial, mas na capital grega "senti-o com mais força e recordei um antes e um depois de Atenas nestas matérias da organização de atletas".

Sevilha 99: Salto para o topo



O calor e a humidade de Sevilha foram escolhidos como palco da estreia da prova de 20 km marcha femininos em grandes competições internacionais. A distância já tinha sido percorrida por várias atletas, mas à sua vez era a primeira vez. Susana Feitor vinha moralizada com o bronze do Europeu de 1998 e a 27 de Agosto alinhou à partida ao lado de outras 51 marchadoras. Do Algarve, de Lisboa ou de Rio Maior, foram várias as vozes de incentivo que recebeu ao longo de todo o percurso. Recordava-se particularmente das

mensagens gravadas a spray à saída do estádio: "Força Susana", "Pechão está contigo" e "Susana, Susana". Um ânimo extra para quem tinha ambições, mas não sabia o que lhe estava reservado. O primeiro susto chegou aos sete quilómetros. "Senti uma espécie de esticção no meu posterior esquerdo e nessa altura pensava que se ficasse nas dez primeiras seria fabuloso", diz. Mas depois de metade da prova as adversárias iam ficando para trás e Susana continuava no grupo das 8, por isso "já só rezava para ser oitava". O cansaço era muito, mas o prazer da competição superava qualquer fadiga e a determinação levou-a ainda mais longe. "Na volta final dei por mim na cauda do grupo em perseguição do trio que lutava pelas medalhas: duas chinesas (Liu Hongyu viria a ganhar) e a russa Fedoskina. Esta foi desqualificada. Eu, a Saxby-Junna e a polaca Radtke tínhamos o pódio à vista". A australiana de 39 anos (na foto) avançou e a resposta da Susana por pouco não chegou para o terceiro lugar. Foi quarta com 1h31'23", a cinco segundos da medalha, mas à frente de nomes como Erica Alfridi, Jane Saville, Kjersti Platzer, Maria Vasco, Yelena Nikolayeva ou Irina Stankina, antiga campeã mundial, agora apenas 17ª. Dez anos depois continua a dizer que "foi das conquistas mais emocionantes como sénior. Um 4º lugar que me deu muito gozo, pela sua história e empenho, e em especial pela garra que tive nos quilómetros finais". Este resultado, a par de outro quarto lugar do maratonista Luís Novo, acabou por ser o melhor que Portugal conseguiu nesse verão quente de Sevilha.



Edmonton 01: A dureza de uma desqualificação



O quarto lugar de há dois anos abria boas perspectivas para Edmonton. Recuperada da lesão que a impediu de brilhar nos Jogos Olímpicos de Sidney, Susana Feitor vinha de uma boa época e era uma das marchadoras debaixo dos olhares mais atentos na cidade canadiana. "Não estava a ser uma prova fácil, e aos poucos, com a fuga de duas russas, ficou um grupo pequeno de 3 a 4 atletas, que se isolava a cada metro que passava", recorda. Era neste grupo que estava Susana até à desqualificação. "Ia relativamente bem. É certo que ainda faltavam 9 quilómetros, mas cheguei a sentir o 'cheiro' da luta pelo bronze. O que iria acontecer nunca saberei". As desqualificações de marchadores não estão isentas de polémica e 2001 não foi

excepção. No caso de Susana só lhe terão sido mostrados dois avisos, quando deveriam ter sido três. Mas não foi caso único. Ficaram fora da prova feminina 14 atletas, entre elas algumas favoritas, como Kjersti Platzer, num momento particularmente duro para a norueguesa, uma vez que na véspera o marido e técnico Stephan tinha sofrido um aneurisma. Na memória de Susana fica a grande determinação da marchadora que no final disse à amiga que tinha sido por ele e para ele, apesar da desqualificação no último quilómetro. Nesse 9 de Agosto a vitória sorriu a Olimpiada Ivanova, no seu primeiro de dois títulos. Apesar de tudo, de Edmonton ficam também algumas boas memórias, como o facto de Portugal ter pela primeira vez três marchadoras. Susana fez-se acompanhar de Sofia Avoila (21ª) e de Inês Henriques, que na estreia também foi desqualificada. Igualmente positivo o reencontro com outra amiga que fez no atletismo. Conhecera-a um ano antes em Sidney, mas este foi o primeiro Mundial em conjunto: a voluntária portuguesa Raquel Nunes (na foto) que não falha uma grande competição.



Paris 03: Marchar em "casa"



Consolidado o seu papel na marcha internacional, Susana Feitor chegava a Paris com o objectivo de ser finalista (entrar nas oito primeiras). Foi com esse propósito que se bateu durante toda a prova... até aos 17 quilómetros. Na altura era sétima. "A Susana Paixão, filha do meu treinador, apareceu a gritar para ter calma, pois tinha duas faltas no quadro. Fiquei em pânico", diz hoje Susana que recorda que "ia a marchar bem e previa um desfecho como em Edmonton. Mas 2001 foi um drama e não queria passar por outro, por isso abrandei muito". Abrandou tanto que nos últimos três quilómetros perdeu 45 segundos e foi ultrapassada por Melanie Seeger e Athanasia Tsoumeleka, que um ano depois viria a sagrar-se campeã olímpica e que abandonou o ano passado após análise de doping positiva. Susana foi 9ª (1h30'15"), à beira do seu objectivo. Venceu a russa Yelena Nikolayeva e Vera Santos foi 15ª na sua estreia em Mundiais. De Paris há, ainda assim, boas memórias. Ao marchar na capital francesa, a atleta de Rio Maior sentiu-se literalmente em casa, já que sabia que ia encontrar a família que tem a viver na região. "A minha prima Cidália e o seu filhote, que é meu afilhado, apareceram na Cité Universitaire, o que já me deu uma grande alegria". Só que a surpresa maior estava para vir. Depois da prima, surgiu outro primo, e o irmão, e mais familiares e amigos que tinham seguido de Portugal, de carro e de avião. "Deu para chorar de alegria", ou não fosse Susana uma atleta também de grandes emoções para quem todo o apoio é pouco.



Helsínquia 05: O dia mais feliz

Os Jogos Olímpicos são a pedra no sapato de Susana Feitor. Atenas voltou a correr mal e foram muitas as vezes que deram como terminada a carreira da atleta. Aos 30 anos não se é



velho para a marcha, só que Susana havia começado na alta roda muito antes de todas as outras. A própria chegou a questionar se valia a pena continuar. E continuou... mas com um ritmo diferente e sem criar demasiadas expectativas. Foi assim que chegou a Helsínquia, até porque na época tinha tido de tudo. Desde desistências por problemas físicos até a um moralizador segundo lugar na Taça da Europa.

Os dias anteriores à prova tinham sido complicados devido a dores na face posterior da coxa. Na véspera "estava muito nervosa e tensa, pois não me sentia nada confiante que iria ser capaz de aguentar sem dor 20 km num circuito que não era plano". Mas ao acordar a disposição voltou. Susana diz que naquela manhã de 7 de Agosto "senti algo dentro de mim que focou na competição e afastou todos os maus pensamentos".



Susana fez uma prova cautelosa, de trás para a frente, mas sempre na cauda do grupo



principal, que durante muito tempo seguiu compacto. "A determinada altura, senti que o facto de estar a marchar a um ritmo para menos de 1h29' deu-me uma força extra para aguentar aquele sofrimento que nos percorre o corpo todo". Essa força ia ter resultados mais à frente. Aos poucos passou de oitava para sexta, e depois de algumas desqualificações

começa a avistar Elisa Rigaud e Maria Vasco. Primeiro a italiana e depois a espanhola. Lembra que "quando a avistei pensei que ainda tinha força para a apanhar. Mas antes do estádio tínhamos um subida e, mesmo sendo mais fraca a subir dei tudo o que tinha e consegui passar". Quando entrou na pista sentiu a reacção do público, mas nem sabia bem em que lugar estava. Só sabia que era bom. Cortou a meta em 1h28'44" e o primeiro abraço foi da Raquel Nunes: "Su foste bronze!". Depois veio o choro e a festa. Ao lado também chorava Maria Vasco. Susana confortou-a, afinal também sabia o que era ser quarta. Seguiu-se a volta de consagração ao lado de Olimpiada Ivanova



(1ª com Recorde do Mundo) e Ryta Turava. Nessa volta lembra-se de ter "literalmente saltado para o colo da Naide Gomes que estava no lado oposto a competir no salto em comprimento". Susana dava largas à alegria. Mais tarde viria a dizer que "os astros conjugaram-se a meu favor". 15 anos depois da conquista da medalha de ouro nos Mundiais de Juniores, Susana colhia os frutos de um árduo trabalho. Foi o dia mais feliz da sua carreira desportiva.

Osaka 07: Experiência foi determinante

17 anos depois, com mais do dobro da idade, Susana Feitor voltou ao país onde se estreou em Campeonatos do Mundo. No Japão tinha a responsabilidade de defender o bronze de Helsínquia, mas ela sabia que ia ser difícil. O circuito feminino estava cada vez mais forte. Tinha surgido há pouco uma russa com marcas impressionantes, as



restantes europeias de primeira linha tinham apostado tudo na temporada e não se sabia o que poderiam causar as sempre inconstantes chinesas ou a australiana Saville. Só por isso, um lugar de finalista já seria muito bom. Apesar dos receios, a adaptação aos horários decorreu de forma tranquila. O pior era o clima, mas até esse ajudou a 9 de Agosto. À semelhança do que acontecera dois anos antes, Susana fez uma prova cautelosa, "mas altamente concentrada. As minhas palavras de ordem neste Mundial foram a organização dos abastecimentos, a concentração e a cautela até aos 10 - 12 quilómetros". A

experiência da atleta fez com que não respondesse aos ataques de Kjersti Platzer e Maria Vasco. Ela sabia que, mais tarde ou mais cedo, o clima que se fazia sentir poderia condicionar mudanças bruscas de andamento. E foi conselheira para a colega de selecção e de treinos Inês Henriques. "Marchámos quase sempre lado a lado e perto dos 9 quilómetros ela deu sinais de que queria ir embora. Disse-lhe para ter calma que ainda faltava muito", lembra. Como atleta humilde e inteligente que é, Inês ouviu Susana, o que mais tarde lhe valeu um excelente sétimo lugar. Aliás, estas características aplicam-se a qualquer uma das três portuguesas em prova, porque também Vera Santos não entrou em aventuras que lhe podiam custar caro e terminou em crescendo em 11º lugar. Mas lá na frente estavam as russas, com destaque para Olga Kaniskina (que viria a ganhar), e as eternas Platzer e Vasco. A espanhola ganhou o bronze que lhe fugira em Helsínquia, mas a norueguesa estava em perda.



"Eu seguia em quinto, mas nunca pensei que a poderia apanhar pois também tinha ali perto a alemã Zimmer e a Inês. Assim preservei o lugar em que seguia e, como correu como tínhamos planeado, quando cortei a meta senti um prazer tão grande que o podia comparar ao terceiro lugar de Helsínquia. É claro que uma medalha é uma medalha, mas são as histórias que vivemos que nos fazem sentir o prazer da vida, e em Osaka foi assim com o meu quinto lugar", remata. Essa alegria foi visível



quando, após concluir os 20 km em 1h32'01", juntou as forças que lhe restavam para, do alto do seu metro e sessenta, levantar no ar ao mesmo tempo as amigas Kjersti e Sabine e para festejar o brilharete de Inês. Já nessa altura, Susana Feitor deixou a promessa de um décimo Mundial dois anos depois em Berlim.

Berlim 09: Décima no décimo

Foi com toda a certeza o Mundial que mais dores de cabeça deu a Susana Feitor, já que foi escolha do Seleccionador Nacional à última da hora, numa época em que não se escapou às lesões.



A época não tinha corrido de feição à marcha portuguesa e apesar de alguns bons resultados de Vera Santos, em provas pertencentes ao Race Walking Challenge, a Taça da Europa de Marcha não correu bem às portuguesas (Susana Feitor desistiu, Vera Santos e Inês Henriques foram desclassificadas).

Antes da partida para Berlim, Susana Feitor dizia “que não iria só para fazer estatística” e não foi.

Nesta décima segunda edição do Mundial de Atletismo, as surpresas poderiam ser muitas, logo a começar pelo circuito percorrido pelas marchadoras. Tal como havia acontecido em Pequim, a marcha decorria num circuito, neste caso de 2 quilómetros, com a particularidade de não terminar no Estádio Olímpico de Berlim, um motivo que Susana Feitor compreendeu, já que faziam 20 anos desde a queda do muro de Berlim e a prova terminava junto da Porta de Brandeburgo, um dos locais mais emblemáticos da capital alemã.

Ao nível das adversárias várias eram as favoritas. Desde a campeã olímpica Olga Kaniskina, passando pela experiente Kjersti Platzer e as sempre habituais Elisa Rigaudó, Maria Vasco, entre outras que se foram mostrando ao longo da época e algumas marchadoras que só aparecem bem nos grandes eventos. Entre equipas, há a referir a sempre forte selecção russa, que até ao tiro de partida não deixava perceber se poderia apresentar três fortes atletas e claro, a selecção portuguesa, que com Susana



Feitor, Vera Santos e Inês Henriques, era uma das mais fortes seleções presentes, que deixou em Portugal aquela que tinha sido a melhor marchadora nos Jogos Olímpicos de Pequim, no ano anterior, Ana Cabecinha.

Durante a prova, Susana Feitor andou sempre entre as 15 primeiras classificadas, gerindo a prova da melhor forma possível, evitando as faltas e sabendo que ao longo da prova algumas marchadoras acabam desistentes e outras



eliminadas da prova por acumulação de faltas – foi, aliás, esse o motivo que colocou Susana fora em Edmonton 2001. Com uma fase final muito dura, a marchadora portuguesa acabou por cumprir o seu desejo, atingir o top-10 no seu décimo Mundial, ao terminar no 10º lugar, “capicua” como dizia Susana no final. “Percebi que vinha em 10º, mas depois só queria chegar ao fim” revelou a atleta que estava muito contente com a sua prestação e que fez questão de agradecer a todos aqueles que a ajudaram ao longo de

tantos anos de Alta Competição. O tempo de 1:32.42 hora acabou por ser o menos importante, num Mundial de história para a portuguesa e de consagração da atleta com mais presenças em Mundiais, a par da alemã Franka Dietzsch. Contudo a história não termina aqui sem referir o contentamento de Susana Feitor pelos resultados das suas companheiras Vera Santos (brilhante 5ª classificada) e Inês Henriques (com um sofrido 11º lugar, devido a uma lesão). Convicta pela continuação do sucesso da marcha portuguesa, considerou que “temos quatro atletas para fazer grandes resultados”, uma preocupação de quem tem também um cargo nos Órgãos Sociais da Federação Portuguesa de Atletismo. Quanto ao futuro, prometeu pensar “objectivo a objectivo” e não desvendou o véu sobre se marcará mais presenças em grandes eventos. Será que Daegu marcará a sua décima primeira participação em Mundiais?



Resumo das marcas e classificações obtidas:

Tóquio 1991 – 45.37 (17ª – 10 km Marcha)

Estugarda 1993 – 45.06 (11ª – 10 km Marcha)

Gotemburgo 1995 – 44.25 (17ª – 10 km Marcha)

Atenas 1997 – 45.00,77 (11ª Q – 10000 m Marcha)

Sevilha 1999 – 1:31.23 (4ª – 20 km Marcha)

Edmonton 2001 – DQ

Paris 2003 – 1:30.15 (9ª – 20 km Marcha)

Helsínquia 2005 – 1:28.44 (3º - 20 km Marcha)

Osaka 2007 – 1:32.01 (5ª – 20 km Marcha)

Berlim 2009 – 1:32.42 (10ª – 20 km Marcha)

Edição e Compilação: Edgar Barreira ; Textos e fotos gentilmente cedidos pela atleta (www.susanafeitorg.blogspot.com) ; Fotos: E. Costa, F. Oliveira e J. Goulão